



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

Leticia Procópio Lima

**A TEMÁTICA AMBIENTAL COMO COMPONENTE CURRICULAR
DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA FACULDADE DE
EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB): UMA
APROXIMAÇÃO CRÍTICA**

BRASÍLIA
2022

LETÍCIA PROCÓPIO LIMA

**A TEMÁTICA AMBIENTAL COMO COMPONENTE CURRICULAR
DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA FACULDADE DE
EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB): UMA
APROXIMAÇÃO CRÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação da Universidade
de Brasília como requisito para a
obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Tereza Reis da Silva

BRASÍLIA
2022

A TEMÁTICA AMBIENTAL COMO COMPONENTE CURRICULAR DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB): UMA APROXIMAÇÃO CRÍTICA

Letícia Procópio Lima

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar de que forma a temática da Educação Ambiental tem sido introduzida como componente curricular do Curso de Pedagogia e sua importância para a formação de futuros educadores. O arcabouço empírico do estudo abarca a análise das ementas de disciplinas sobre a temática ofertadas no período de 2019 e início de 2022, com reflexões desenvolvidas a partir de narrativas de estudantes da graduação que tiveram contato com esse debate em seus percursos formativos. Ao todo, foram realizadas seis entrevistas narrativas por meio das quais os estudantes compartilharam suas experiências no âmbito das disciplinas por eles cursadas, ou seja, seus aprendizados e suas perspectivas sobre a importância desse componente curricular no processo formativo de futuros professores. As narrativas indicam que o contato com a temática ambiental impacta na forma como os educadores compreendem a crise ecológica e civilizatória, bem como na decisão de introduzir este debate em suas aulas e na forma como abordam a questão, caracterizando-se como um componente curricular de suma importância para a formação de futuros professores críticos e sensíveis para os problemas socioambientais. Por outro lado, seus relatos indicam como a oferta das disciplinas e a não obrigatoriedade desse componente está em descompasso com suas compreensões.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Formação de Professores; Currículo.

ABSTRACT

This article aims to analyze how the theme of Environmental Education has been introduced as a curricular component of the Pedagogy Course and its importance for the training of future educators. The empirical framework of the study includes the analysis of the menus of disciplines on the subject offered in the period 2019 and early 2022, with reflections developed from narratives of undergraduate students who had contact with this debate in their formative paths. In all, six narrative interviews were conducted through which students shared their experiences within the disciplines they took, their learning and their perspectives on the importance of this curricular component in the training process of future teachers. The narratives indicate that contact with the environmental theme impacts on the way educators understand the ecological and civilizatory crisis, as well as the decision to introduce this debate in their classes and the way they approach the issue. It is characterized as a curricular component of paramount importance for the training of future critical and sensitive teachers to social and environmental problems. On the other hand, his reports indicate how the offer of disciplines and the non-obligation of this component is out of step with their understandings.

Keywords: Environmental Education; Teacher Training; Curriculum.

1. INTRODUÇÃO

Por muito tempo, fiquei pensando em estratégias que ajudariam a melhorar a forma de abordar a Educação Ambiental em sala de aula, além de sempre ficar muito inquieta sobre como essa temática é abordada de forma muitas vezes pontual, esporádica e descontextualizada, até que cheguei à conclusão de que a formação das/os professoras/es poderia ser um bom lugar por onde começar.

Durante minha graduação, a disciplina Fundamentos da Educação Ambiental me apareceu como opção para cursá-la no segundo semestre, mas, apesar de eu achar que seria uma disciplina interessante, preferi focar nas matérias obrigatórias. Vários semestres se passaram, e somente no 6º semestre decidi cursá-la. Ela se tornou um divisor de águas na minha forma de pensar e compreender a crise ecológica e as relações cultura/natureza. Foi graças a ela que tive uma compreensão mais crítica da questão ambiental.

Após a decisão de desenvolver meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre essa temática, comecei a observar mais criticamente como as questões ambientais são abordadas nas escolas e instituições que conheci. Desta forma, e pensando em como a formação docente é importante para um trabalho pedagógico de qualidade, senti a necessidade de olhar mais cuidadosamente para a questão ambiental na graduação, conforme sugere Sauv  (2005, p. 317):

Mais do que uma educa o “a respeito do, para o, no, pelo ou em prol do” meio ambiente, o objeto da educa o ambiental   de fato, fundamentalmente, nossa rela o com o meio ambiente. Para intervir do modo mais apropriado, o educador deve levar em conta as múltiplas facetas dessa rela o [...].

Entendo, em consonância com Sauv  (2005), que   urgente que esse assunto se torne efetivamente presente na Educa o Básica, tendo como um de seus principais objetivos desconstruir o dualismo cultura/natureza tão cristalizado em nossa sociedade. Para fazer essa afirma o, mobilizo minha própria experiência com a temática ambiental e o modo como minha forma de pensar foi sendo modificada graças   minha forma o acad mica. Dessa maneira,   importante reiterar que nem sempre tive essa compreensão, e mais ainda, que a visão crítica que tenho hoje começou a ser forjada durante a disciplina Fundamentos da Educa o Ambiental, mais especificamente no primeiro dia de aula, quando a professora nos fez a seguinte pergunta: Como você define *cultura* e *natureza*?

Lembro-me como se fosse hoje, que achei a pergunta simples e não encontrei nenhuma dificuldade em definir *natureza* e *cultura* como domínios opostos. Em minha resposta, escrevi

que *cultura* é uma das criações dos seres humanos, como a fala e a escrita, festas típicas, as construções, a política, entre outras. Já a *natureza*, enquadrei-a como sendo somente os animais, as plantas e os fenômenos da natureza. Essa compreensão vem, principalmente, da dualidade natureza x cultura, que está tão presente na sociedade, sendo a forma como meus pais aprenderam e como me ensinaram.

Em contrapartida, Descola (2016) descreve como os povos Achuar do Peru, dentre outros não ocidentalizados, desconhecem essa distinção entre humanos e não humanos. O texto de Descola foi o primeiro contato literário que tive com concepções não dualistas sobre as relações entre cultura e natureza. Por meio dele, pude analisar o quanto essa dualidade, que se fazia tão clara em minha mente, já não tinha mais sentido, de modo que identifiquei essa experiência como um marco que me possibilitou “virar a chave” e enxergar a inseparabilidade desses domínios: a natureza como elemento constitutivo e intrínseco de todos os seres e que participa também da cultura.

A partir desses aprendizados, tenho compreendido a importância de se abordar a temática ambiental de forma adequada, principalmente nas escolas, onde passamos a maior parte de nossa vida e começamos a interagir mais com o outro, o outro sendo o/a professor/a, sendo o/a colega, e sendo também a “natureza” – aqui entendida, em sentido *lato* como o conjunto de seres físicos e biofísicos com os quais coabitamos. Logo, a Educação Ambiental (EA) deve ser um componente estruturante da formação dos/as professores/as, pois como afirma Freire (2013, p. 78): “O professor só ensina em termos verdadeiros na medida em que conhece o conteúdo que ensina, quer dizer, na medida em que se apropria dele, em que o apreende”

Desta forma, e tendo clareza da importância que a temática ambiental possui, destaco as perguntas norteadoras que conduziram minha trilha de pesquisa: De que forma a temática ambiental tem sido implementada na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília? O que a oferta e as ementas das disciplinas indicam sobre a importância desse componente curricular para a formação de futuros/as professores/as? O que os/as estudantes pensam sobre isso? Em diálogo com essas questões, o objetivo geral deste trabalho visa analisar de que forma a temática ambiental tem sido introduzida como componente curricular do Curso de Pedagogia e sua importância para a formação de futuros/as educadores/as.

Os objetivos específicos deste estudo são: mapear e analisar a oferta de disciplinas que abordam a temática ambiental no Curso de Pedagogia entre 2019 a 2022, período em que foi iniciada a implementação do novo currículo; analisar como a temática ambiental é abordada nessas disciplinas com base na análise de suas ementas, bem como pela percepção de

estudantes que cursaram as disciplinas; refletir sobre a importância da temática ambiental para a formação e atuação de futuros/as pedagogos/as a partir da perspectiva de estudantes da Pedagogia que cursaram disciplinas relacionadas a esse debate.

A parte empírica da pesquisa foi desenvolvida por meio de dois percursos metodológicos: 1) mapeamento da oferta das disciplinas de temática de Educação Ambiental da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), associado à análise das ementas das disciplinas; e 2) entrevistas narrativas com 6 (seis) graduandos de Pedagogia que já fizeram disciplinas sobre Educação Ambiental e se dispuseram a compartilhar suas percepções.

A primeira base de informações que mobilizei foi o Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA), por meio do qual pude acessar e analisar os componentes curriculares do novo currículo do Curso de Pedagogia. Posteriormente, com base nas informações levantadas no SIGAA, solicitei informações complementares pela Plataforma Integrada de Ouvidoria e Acesso à informação, também chamada Fala.BR. Com esse segundo procedimento, pude cotejar as informações levantadas por meio do SIGAA, o que permitiu compreender de forma mais ampla as ofertas das disciplinas de temática ambiental.

A segunda fonte de dados que mobilizei foram as entrevistas narrativas realizadas com graduandos/as da Faculdade de Educação (UnB). Ao longo do processo de busca por voluntários para participar das entrevistas, realizei diversas chamadas em grupos de *WhatsApp* de alunos de Pedagogia e grupos de disciplinas que abordam a Educação Ambiental. Apesar das diversas solicitações, os/as estudantes não se mostraram muito abertos à proposta, o que resultou na dificuldade em engajar um número maior de voluntários. Assim sendo, optei por realizar as entrevistas com um número reduzido de entrevistados, uma vez que ao trabalhar com análise de narrativas os dados coletados se mostram suficientes e adequados à proposta, não impactando negativamente na pesquisa.

Em razão da persistência do contexto pandêmico que assolou a humanidade, as entrevistas foram realizadas de forma virtual e individual, pelas plataformas *Teams* e *Google Meet*. As entrevistas ocorreram ao longo do mês de agosto de 2022, durante o percurso de escrita do presente trabalho. Os/as interlocutores/as definiram os horários de acordo com suas disponibilidades para a realização das entrevistas, que tiveram duração de 30 minutos, em média. As entrevistas foram gravadas e transcritas mediante autorização e, para garantir o anonimato dos participantes, estes foram identificados por códigos, segundo a ordem das entrevistas. Para a análise das narrativas, realizei a transcrição literal das falas, em seguida as analisei seguindo a ordem das perguntas, comparando-as entre si e com as literaturas

acionadas, buscando identificar de que modo elas indicam como os/as estudantes, a partir de suas experiências formativas com componente curricular ambiental, percebem a importância da temática ambiental para a formação e atuação de futuros/as pedagogos/as.

O artigo está organizado em quatro seções, além desta Introdução, das Considerações Finais e Referências. Na primeira seção, apresento as experiências que me instigaram a escrever sobre a temática ambiental, detalhando vivências e perspectivas que me auxiliaram nas reflexões propostas neste artigo. Na segunda seção, trago uma análise teórico-reflexiva acerca de como a temática ambiental vem sendo abordada no campo educacional. Na terceira, analiso a presença da temática ambiental no currículo do Curso de Pedagogia a partir de dados quantitativos. Já na quarta e última seção, apresento a perspectiva de graduandos e recém-formados do Curso de Pedagogia à luz de suas experiências com disciplinas que abordavam a temática, o que pensam sobre a relevância que essa vivência teve em suas formações como pessoas e futuros/as professores/as e na forma como concebem a problemática socioambiental hoje.

2. LUGAR DE FALA: TRAJETÓRIA FORMATIVA E APROXIMAÇÕES COM O CAMPO DA EDUCAÇÃO

Nesta seção, pretendo demonstrar, tendo como referência minhas vivências, de que forma as nossas experiências, educacionais ou não, desde a infância até a graduação, moldam nosso interesse ou o desinteresse sobre as questões ambientais. Busco com isso frisar que os estímulos que recebemos ao longo da vida influenciam a forma como pensamos, agimos e pensamos o mundo. E, particularmente em relação ao tema deste artigo, como favorece a emergência de um olhar mais sensível para as questões ecológicas.

Nesse sentido, desde criança, meus pais sempre me ensinaram sobre a importância de cuidar da natureza. Ações pequenas, como não jogar lixo no chão, não desperdiçar água e cuidar dos animais, eram exemplos presentes. São ações simples e deveres de todos para com o planeta em que vivemos, mas ressalto que essas pequenas ações foram sementinhas na minha trajetória.

Meu pai, particularmente, sempre teve um apreço muito grande pelo Cerrado, pelos animais silvestres, enfim, pela “natureza”, que em seu entendimento abarca os animais, as plantas e os seres vivos não-humanos. Na maior parte de sua infância foi criado em área rural, o que fez com que muito do carinho que eu tenho pelo meio ambiente viesse daí. Há anos ele trabalha em um projeto de Educação Ambiental da Polícia Militar Ambiental do Distrito

Federal, o PREALG (Programa Educacional Lobo-Guará), que se subdivide em duas vertentes: o Grupo de Teatro Lobo-Guará, que aborda a caça, a pesca ilegal e o cuidado com a água; e o Curso Guardiões Ambientais, que busca conscientizar estudantes da Educação Básica, particularmente alunos do quinto ano, sobre os crimes ambientais e a importância de cuidar do meio ambiente. Ao final do curso, os alunos ganham o título de “Guardiões Ambientais”.

Tive o prazer de poder assistir às peças teatrais diversas vezes e sempre achei o projeto muito interessante, e apesar de não ter tido a experiência do Curso de Guardiões Ambientais, cada dia que passa meu pai ensina mais para a minha família sobre as novidades que aprende, os livros que lê, as curiosidades que descobre e nos instiga a conhecer e nos conectarmos mais com a natureza.

Outro fator que julgo ser importante em minha trajetória e no meu interesse pela questão ambiental é a minha relação com a cidade onde minha avó paterna mora, no interior do Goiás. Sempre observei, desde muito cedo, os impactos que o plantio da cana-de-açúcar causou e causa em todos os ecossistemas da região: desmatamento, envenenamento por agrotóxico, rios poluídos e peixes se tornando impróprios para consumo. Durante todo esse processo, e em contraste, sempre me chamava a atenção e me incomodava as gramas da usina cada vez mais verdes e uma placa com os dizeres “Preserve o Meio Ambiente”, enquanto toda uma comunidade e a natureza ao redor sofriam com os impactos oriundos dela. É triste pensar nisso, pois, apesar de tudo, ainda é o local onde mais tenho contato com a natureza. Isso é espantoso.

Contudo, se não fossem essas experiências e os exemplos que tive durante a vida, será que eu teria contato com essa temática de forma a me fazer refletir? E se meus avós não tivessem morado em Goiás, e eu não tivesse conhecido a realidade que vive a população do interior, que sofre com o desmatamento, ainda assim eu me interessaria por essas questões? Esses e outros questionamentos têm orientado minhas reflexões no processo de construção do TCC. Tenho pensando sobre a importância desses temas como componente curricular no processo de formação inicial das/os professoras/es.

Assim sendo, é importante ressaltar que a educação escolar também tem um papel fundamental na construção de sensibilidades ecológicas (CARVALHO, 2004). Destaco, nesse sentido, um estágio que realizei em um colégio particular no início do ano de 2021. Entendo que nem todas as escolas abordam a temática ambiental da mesma forma, mas nessa escola em particular me deparei com uma situação profundamente contraditória. Nas redes sociais, a escola postou fotos das crianças comemorando o Dia da Água segurando saquinhos de

plástico cheios de água, com *glitter* e um peixinho de plástico dentro. Isso me fez pensar que talvez a professora tenha tido a melhor das intenções, mas abordou a questão da água de uma maneira equivocada, algo que pode ser consequência da ausência de disciplinas sobre esses temas em sua formação inicial, que a preparasse melhor para abordá-los de forma crítica, fundamentada e metodologicamente adequada. Ou seja, é preciso refletir sobre a relação entre a formação inicial das/os professoras/es e a forma como a problemática ambiental é abordada por eles na Educação Básica, pois reitero ainda o quanto é espantoso que eu não tenha nenhuma memória clara sobre a temática sendo abordada em minha Educação Básica.

Nesse sentido, trago aqui meu testemunho. Um ponto crucial na minha trajetória formativa foi a disciplina Fundamentos da Educação Ambiental que cursei na Faculdade de Educação (UnB) no começo de 2021. Posso dizer que até aquele momento minha compreensão sobre a temática ambiental e sobre a relação cultura/natureza era bastante ingênua. Vinha basicamente das influências familiares que citei acima e que forjaram em mim uma preocupação e um carinho especial pela “natureza”, que em meu entendimento abarcava as florestas, os animais, os rios, enfim, os entes vivos não-humanos. Mas, ainda assim, eu pensava a natureza como fonte de recursos para a sobrevivência do ser humano. Aos 21 anos de idade essa era uma visão predominante em mim. A disciplina balançou profundamente minhas convicções. A partir daí, pude ter um olhar mais crítico sobre a relação cultura/natureza, sobre a relação entre o sistema econômico capitalista e a crise ecológica; pude refletir sobre o imaginário hegemônico que nos formatou e que sustenta uma separação hierárquica entre cultura e natureza, bem como pude repensar muito do meu olhar acerca da “natureza” somente como fonte de recursos.

Hoje entendo com mais clareza a importância que a temática ambiental tem na formação inicial de professoras/es, e defendo que ela deveria ganhar mais espaço em nossos processos formativos. Esse é um caminho necessário para que essa temática seja abordada de forma contextualizada, crítica e fundamentada na Educação Básica. Por isso, meu trabalho final de curso nasce da convicção de que é fundamental que os profissionais de educação saibam abordar essa temática em sala de aula e o façam não apenas de maneira pontual, mas de maneira interdisciplinar e transdisciplinar. Que busquem, também, plantar a sementinha do cuidado e respeito com o planeta nas gerações futuras, pois vi na prática que os alunos têm vontade de aprender mais sobre suas relações com o mundo, e é importante que isso seja instigado de maneira crítica e fundamentada.

3. A QUESTÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO EDUCACIONAL: UMA ANÁLISE CRÍTICO-REFLEXIVA

Apesar dos avanços legais que a Educação Ambiental (EA) experimentou desde os anos de 1980, como a Lei nº 9.795/99, que estabelece a Política Nacional de Educação Ambiental, e a Resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE) nº 02/2012, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, a perspectiva econômica ainda predomina nas abordagens do tema em contextos educativos, reduzindo a problemática ambiental à mera gestão de recursos naturais. Esse panorama também é predominante nas práticas econômicas, no imaginário da sociedade, assim como em políticas oficiais, do Poder público e da iniciativa privada, que visam mitigar os problemas socioambientais. Nesse caso, é mais correto dizer que em sua grande maioria as medidas estão voltadas, sobretudo, para os efeitos da crise ecológica, e não para a lógica que a produz.

É importante lembrar que a questão ecológica é reconhecida como um problema que diz respeito a toda a sociedade desde meados do século XX. A publicação da obra *Primavera silenciosa* (2010), de Rachel Carson, foi um marco desse debate e de uma maior mobilização acerca da crise ambiental e da relação da sociedade com a natureza. Nessa obra, a autora denuncia o quanto as sociedades do consumo, através do uso sem limites de agrotóxicos e materiais químicos, interferem profundamente nos equilíbrios naturais (CARSON, 2010). Apesar de já terem se passado 60 anos do alerta de Carson, as relações dos humanos com o ambiente em que vivem não foram alteradas, muito pelo contrário, a percepção da natureza como uma mera reserva de recursos só se fez mais forte.

A esse respeito, Cavalcanti (2012) nos leva a refletir sobre como o homem pensa e age como se a economia fosse o pilar mais importante para a manutenção da vida, ao passo em que nos alerta sobre a generalizada noção que a sociedade possui de acreditar que é necessário um crescimento econômico acelerado para o atendimento das necessidades da população, sendo que essa nunca foi a regra para a manutenção da vida e Kopenawa (1998) deixa muito claro isso ao transmitir novas maneiras, não ocidentalizadas, de se pensar e estar no mundo. Cavalcanti (2012) evidencia também a ideia de *sustentabilidade*, definindo-a como o comportamento que tem como pilar a obediência às leis naturais, o que se mostra em divergência ao pregado pela ideia de crescimento sustentável tão apoiado pelos humanos.

O autor demonstra que *crescimento* é o oposto de *sustentabilidade*, não havendo possibilidades de se existir uma sociedade que cresça sem mais desmatamento e deterioração

da natureza. Fica visível que todo o debate sobre o desenvolvimento do modelo econômico está muito distante do necessário para equacionar a crise ecológica, o que nos leva a refletir sobre como o modelo de consumo e o modelo de produção se ligam intrinsecamente à lógica ocidental dualista e ao antropocentrismo. É necessário que as pessoas tenham consciência de que também são natureza, e quando a deterioram e colocam a questão econômica como prioridade, também colocam em jogo sua própria existência.

Essa questão tem ganhado novos contornos com o movimento teórico-político sobre os direitos da natureza. Gudynas (2019) chama a atenção sobre a perspectiva antropocêntrica e utilitarista presente na sociedade, em que o ser humano é caracterizado como um ser de valor, ao passo que a natureza é vista como um objeto com valor meramente instrumental. Aos olhos da sociedade de consumo uma floresta se converte em meros metros cúbicos de madeira, além de demonstrar que até as exigências ambientais muitas vezes não são cumpridas, sendo necessário que as ações humanas sejam objetos de reflexão.

Para Crutzen (2020, p. 117), “parece apropriado atribuir o termo ‘Antropoceno’ à presente, de muitas formas dominada pelo homem, época geológica, [...]” onde a partir do cenário de crise ecológica, o autor reconhece o impacto da humanidade no ambiente global. Destaco ainda que Crutzen (2020) nos possibilita refletir sobre diversas ações humanas que caracterizam o Antropoceno, como a exploração, o desmatamento em ritmo acelerado, a extinção de espécies, a liberação de dióxido de carbono, entre outros diversos exemplos que possuem resultados desastrosos para a manutenção dos equilíbrios ambientais e para a própria sobrevivência humana.

Nessa perspectiva, Nascimento (2020) nos alerta sobre como o capitalismo a qualquer custo está gerando um colapso ambiental e comprometendo a saúde ambiental e humana, ressaltando também a necessidade em se desconstruir essa lógica desenvolvimentista e consumista que tem como fundamento o domínio ilusório que o ser humano tem sobre a Terra. O autor salienta ainda, o ser humano como vítima e causador de sua própria extinção, por outro lado, a sociedade não parece perceber essa iminente realidade, pois apesar dos sinais que a Terra tem dado, o negacionismo ainda se faz presente.

Ao se tratar da forma como a sociedade ignora os impactos que estão atrelados a suas ações, destaco também que o otimismo tecnológico vem ganhando cada vez mais espaço como sendo uma solução, em que é notório uma parcela significativa da sociedade acreditando que a tecnologia irá resolver todos os problemas, inclusive a crise ambiental, ao invés de se atentarem e refletirem sobre as causas por trás dessa realidade. Se faz necessário a superação dessa visão reducionista, bem como a superação da visão utilitarista,

antropocêntrica e da forte separação entre natureza e cultura ainda tão presente nas relações do homem com o mundo que são tão fortemente disseminados na sociedade; e assim como Morin (1979) já alertava, esse pensamento dualista é antitético e vai de encontro ao que de fato é real. Portanto, faz-se necessário que a sociedade abra os olhos para a realidade que a circunda.

No entanto, ainda é possível perceber em diversos contextos educacionais uma abordagem reducionista e acrítica da natureza e da EA, em que a abordagem dualista ainda se mostra presente, além de um olhar apontando a natureza como uma fonte de recursos. Ressalto ainda que muitas vezes a temática ambiental é abordada somente em dias específicos do calendário, sendo trabalhada de uma forma comemorativa e pouco discutida, com destaque, em grande parte, aos eventos sobre o Dia da Terra e o Dia da Água, o que ajuda a cristalizar ainda mais a forma de ver a natureza como algo exterior aos seres humanos e sua forma de viver.

É necessário que se tenha um olhar crítico para que atitudes como essas não se tornem exemplo e muito menos algo comum no contexto escolar; é imprescindível que os profissionais da Educação entendam a complexidade que envolve sua atuação e a EA. Assim sendo, destaco que a mudança coletiva é necessária, isto é, a natureza precisa entrar na pauta, bem como a realidade do contexto educacional; e como fica claro para Sauv  (2005, p. 321), “a educa o ambiental não pode realizar-se senão em um espaço de crítica social”, sendo necessário se pensar em uma educa o emancipatória que busque romper com as fronteiras postas entre natureza e sociedade.

Destacando as fortes barreiras entre cultura e natureza, ressalto que se trata de um pensamento tão intrínseco na sociedade que muitas vezes se faz difícil a presença de outras maneiras de pensar. Descola (2016, p. 8) nos mobiliza a refletir sobre isso:

A maior parte dos objetos que nos rodeiam, incluindo nós mesmos, encontram-se nesta situa o intermediária: são naturais e culturais ao mesmo tempo. Estou com fome: eis uma necessidade natural que eu não posso controlar e que me levará a morte se não a satisfizer. Mas existem mil maneiras de satisfazer minha fome, e adotar uma maneira ao invés de outra, me alimentar preferencialmente de um certo tipo de refei o, e não de outro, tudo isso faz parte de uma escolha cultural. Apesar dessas interse es e dessas zonas de sombra entre o que   natural e o que   cultural, parece que não hesitamos muito quando se trata de qualificar os objetos que nos cercam como pertencentes   natureza ou   cultura.

Como sugere Descola (2016), a natureza também está em nós, em nossa rela o com o mundo e com o outro, não se tratando de algo exterior ou reduzida a uma fonte de recursos.   necessário reconhecer que “[...] nós, humanos, somos ao mesmo tempo natureza e cultura,

seres por onde a natureza se transforma continuamente em cultura.” (CARVALHO, 2004, p.166). Em contrapartida ao proposto por Carvalho (2004), Descola (2016) nos apresenta o quanto é notório a facilidade que a sociedade possui de caracterizar *cultura* e *natureza* como domínios que se diferem, em que é possível perceber a complexidade que abrange a relação entre os seres humanos com o mundo, sendo importante instigar e proporcionar meios para que as pessoas compreendam melhor essa relação.

Carvalho (2004), ao destacar a necessidade de superar a tão presente perspectiva dualista cultura/natureza, salienta também o importante papel dos/as educadores/as no processo de ensino-aprendizagem. A autora, ao frisar o/a professor/a como um intérprete para os educandos, traduz então a importância de o/a docente sempre buscar romper com a ação de se trabalhar a temática como algo reduzido, sendo necessário que sempre busque abordar a natureza de modo a trabalhar também a cultura e todo o contexto que a circunda.

Nessa perspectiva, Carvalho (2004, p. 169) nos traz que “a EA fomenta sensibilidades afetivas e capacidades cognitivas para uma leitura do mundo do ponto de vista ambiental,” nos mostrando que a EA é uma chave crucial, tanto como meio da sociedade repensar ações quanto como instrumento em sala de aula. Destaco que o profissional da Educação também é um espelho para as crianças e futuras gerações, sendo necessário que o/a educador/a saiba transmitir de forma apropriada a forma de se perceberem no mundo, bem como sua relação com os outros seres com os quais coabita, pois como Carvalho (2004) aborda, ser educador é ser tradutor de mundos, é estar sempre envolto na tarefa reflexiva de provocar outras leituras de vida.

Ao provocar outras formas de se ver e relacionar com o ambiente, se faz necessário que seja superado também a visão utilitarista de mundo. Dessa forma, Sauv  (2005), ao abordar a maneira como a sociedade insiste em colocar a natureza atrelada a uma perspectiva utilitarista, destaca como as a es dos governantes ainda se mostram voltadas a uma ideia de gestão de recursos que segue sendo camuflada por um interesse com as questões ambientais. Entretanto, a autora ressalta a esperança de que através de a es como as destacadas acima, que infelizmente não são isoladas ou escassas, o debate sobre a temática ambiental se torne mais presente na sociedade e, também, no contexto educacional, pois somente a partir do debate e de um real conhecimento sobre a realidade   que a sociedade poderá ser instigada a uma mudança de paradigmas.

Sauv  (2005) destaca ainda sobre como a EA está ligada   práxis e associada a uma reflexão crítica, que, de fato, se faz ainda necessária em diversos contextos educacionais. Dessa forma, torna-se indispensável a presença da temática ambiental na forma o dos

educadores, e que ela seja trabalhada não somente como um eixo transversal, mas que permita que o/a educador/a tenha verdadeiramente contato com uma abordagem crítica e reflexiva sobre a temática, pois como apontado anteriormente, a complexidade se estende a muito mais do que somente uma atividade sobre o Dia da Água, é necessário instigar o pensamento crítico e possibilitar que os alunos reflitam sobre o que verdadeiramente está por trás do Dia da Água, da Terra, da Árvore, da crise ecológica e da relação do ser humano com o mundo.

Nesse sentido, ressalto a importância do real engajamento sobre as questões ambientais por parte dos/as educadores/as, a fim de que a realidade da sala de aula não seja mais a mencionada por Carvalho (2004), onde não há espaço para uma educação crítica, mas, sim, que haja uma educação que permita ao/à aluno/a se perceber no mundo, e concomitante a isso, perceber como sua realidade está atrelada ao contexto ambiental. Pois assim como Freire (2013) sugere, o ato de ensinar não é mecânico, e, sim, um ato criador e crítico. Desta forma, é um ato que coloca a encargo do/a educador/a a responsabilidade de pensar e repensar sua ação pedagógica à luz de uma visão emancipatória, cujo objetivo não esteja em foco reproduzir, como conceitua Freire (2011), a uma “educação bancária”, mas tão somente uma visão crítica de mundo, destacando ainda a importância de se olhar para o que Sauv  (2005) chama a aten o sobre a relevância de se envolver os/as educadores/as no debate ambiental.

4. ANÁLISE DAS DISCIPLINAS DE TEMÁTICA AMBIENTAL OFERTADAS NO CURRÍCULO DA PEDAGOGIA A PARTIR DE 2019

Sabendo da importância de o/a educador/a ter o domínio apropriado das temáticas abordadas em sala de aula, e que tenham, também, o conhecimento adequado sobre a EA, destaco nesta se o uma análise do currículo do Curso de Pedagogia da UnB, o qual conta com a oferta de diversas disciplinas optativas para os/as estudantes, e dentre elas, algumas que abordam, especificamente, a temática ambiental, sendo: Fundamentos da Educa o Ambiental; Educa o, Ambiente e Sociedade; e Ambiente, Cultura e Natureza no cinema e na literatura. Além disso, ressalto que desde 2019 está em vigência um novo currículo no Curso de Pedagogia da Universidade, sendo o último que teremos como base para a análise. Para melhor entendimento, no Quadro 1 consta a oferta das disciplinas mencionadas a partir do primeiro semestre de 2019.

Quadro 1: Total de turmas ofertadas por período

Per�odo	Fundamentos da Educa�o Ambiental	Educa�o, Ambiente e Sociedade	Ambiente, Cultura e Natureza no cinema e na
----------------	---	--------------------------------------	--

			literatura
2019.1	Três turmas ofertadas	Não foi ofertada nesse período	Não foi ofertada nesse período
2019.2	Três turmas ofertadas	Não foi ofertada nesse período	Não foi ofertada nesse período
2020.1	Três turmas ofertadas	Não foi ofertada nesse período	Não foi ofertada nesse período
2020.2	Três turmas ofertadas	Não foi ofertada nesse período	Não foi ofertada nesse período
2021.1	Duas turmas ofertadas	Não foi ofertada nesse período	Não foi ofertada nesse período
2021.2	Uma turma ofertada	Três turmas ofertadas	Uma turma ofertada

Fonte: Dados fornecidos pela Secretaria de Administração Acadêmica (SAA/UnB).

É possível notar que a disciplina Fundamentos da Educação Ambiental conta com uma oferta consistente de três turmas por semestre até o semestre 2020.2, e após esse período ocorre uma gradativa diminuição, chegando a duas turmas ofertadas em 2021.1 e uma turma em 2021.2. Nesse sentido, ressalto que no currículo vigente desde 2019 essa disciplina não consta mais em sua matriz, sendo uma disciplina ofertada somente durante um período de transição. Concomitantemente a isso, observa-se a oferta de duas novas disciplinas a partir do semestre 2021.2, sendo a disciplina de Educação, Ambiente e Sociedade com três turmas ofertadas, e Ambiente, Cultura e Natureza no cinema e na literatura com a oferta de uma turma no mesmo período, totalizando a oferta de cinco disciplinas que abarcam temas relacionados à questão ambiental. A oferta somente a partir do semestre de 2021.2 dessas duas últimas disciplinas se deu, segundo as informações prestadas pela própria Universidade, por se tratarem de disciplinas do sexto semestre do currículo vigente. Ou seja, até o semestre de 2021.2, as disciplinas citadas ainda não se apresentavam no fluxo de disciplinas de nenhum estudante, o que explica não terem sido ofertadas.

Mas e quanto ao quantitativo dos alunos que cursaram essas disciplinas nos períodos citados acima? A seguir, apresento o Quadro 2 para melhor visualização:

Quadro 2: Total de alunos aprovados

Período	Fundamentos da Educação Ambiental	Educação, Ambiente e Sociedade	Ambiente, Cultura e Natureza no cinema e na literatura
----------------	--	---------------------------------------	---

2019.1	81 alunos	Não foi ofertada nesse período	Não foi ofertada nesse período
2019.2	43 alunos	Não foi ofertada nesse período	Não foi ofertada nesse período
2020.1	59 alunos	Não foi ofertada nesse período	Não foi ofertada nesse período
2020.2	69 alunos	Não foi ofertada nesse período	Não foi ofertada nesse período
2021.1	39 alunos	Não foi ofertada nesse período	Não foi ofertada nesse período
2021.2	Seis alunos	26 alunos	15 alunos

Fonte: Dados fornecidos pela Secretaria de Administração Acadêmica (SAA/UnB).

O período de 2019.1 teve o maior número de aprovações, totalizando 81 alunos aprovados entre as três turmas ofertadas no semestre. Logo em seguida, os períodos de 2020.2 e 2020.1, que já em um contexto de pandemia e isolamento social foram ofertadas de forma remota, apresentam, respectivamente, 69 alunos aprovados e 59 alunos aprovados. O período de 2019.2 teve um quantitativo menor de alunos aprovados, com somente 43 aprovações, apesar da oferta de três turmas, como nos semestres citados anteriormente.

Já o período de 2021.1, semestre caracterizado por ser o terceiro semestre com aulas remotas, teve um total de 39 alunos aprovados, em que o contexto de ofertas era de somente duas disciplinas ofertadas. Nesse sentido, é possível considerar que o número de aprovações continuou concordante aos semestres anteriores, que possuíram a oferta de uma turma a mais.

Por fim, no período de 2021.2, é possível notar que as aprovações foram divididas entre as três disciplinas ofertadas sobre a temática, que juntas totalizam cinco turmas ofertadas e 47 alunos/as aprovados/as ao todo, que em comparação aos semestres anteriores apresentou uma queda significativa no número de alunos/as aprovados/as, o que desperta uma inquietação. É importante ressaltar que trata-se de disciplinas que não possuem vagas limitadas somente a estudantes de Pedagogia, tendo vagas abertas também para estudantes de outros cursos.

Visando analisar o que essas disciplinas propõem em termos de conteúdos abordados, listo a seguir suas ementas (Quadro 3):

Quadro 3: Ementas das disciplinas

Fundamentos da Educação Ambiental	Fundamentos do pensamento ambiental, numa perspectiva histórica. A ideia de crise, mudança de paradigma, ecologia humana.
--	--

	Construção do novo paradigma em articulação com a prática de educação ambiental.
Educação, Ambiente e Sociedade	Modernidade e crise ecológica. Relações cultura/natureza e ciência/tecnologia/sociedade. Abordagens teóricas: racionalidade ambiental e sustentabilidade, complexidade e interdisciplinaridade, subjetividade e ambiente, hermenêutica, psicologia ambiental e ecologia humana. A Educação Ambiental na escola e para além da escola: discursos e práticas curriculares. Novas aproximações: pós-estruturalismo, interculturalidade, decolonialidade.
Ambiente, Cultura e Natureza no cinema e na literatura	O cinema e a literatura como linguagens pedagógicas que oferecem traduções e representações estéticas acerca da realidade. Abordagens filmográficas e literárias sobre: modernidade e crise ecológica; consumo e cidadania; neoextrativismos e geopolítica dos recursos naturais; sustentabilidade, modos de vida e alternativas ao desenvolvimento; mercantilização da natureza e artificialização da vida; políticas de natureza e relações entre humanos e não humanos.

Fonte: Dados fornecidos pela Secretaria de Administração Acadêmica (SAA/UnB).

A ementa de uma disciplina diz respeito ao conteúdo e aos pontos essenciais que serão abordados por uma matéria ao longo do semestre. Assim, a partir do Quadro 3 apresentado acima e da análise da ementa proposta pela disciplina Fundamentos da Educação Ambiental, nota-se pontos muito sucintos e uma proposta rasa, principalmente em se tratando de uma temática rica que engloba tantos fatores. E a partir de entrevistas com os/as graduandos/as que cursaram a disciplina, e por minha própria experiência com ela, a disciplina abarca muitos conceitos imprescindíveis que vão muito além do exposto na ementa. Ao que já se mostra diferente nas ementas das disciplinas Ambiente, Cultura e Sociedade e Ambiente, Cultura e Natureza no cinema e na literatura, que contemplam os elementos complexos que abarcam o contexto da crise ecológica e uma acepção crítica de EA, como propõe Carvalho (2004, p. 170): “a aprendizagem como ato dialógico requer a compreensão das mútuas relações entre a natureza e o mundo humano”.

Em consonância com Carvalho (2004), Sauv  (2005) deixa claro que o campo da EA   complexo, que mobiliza diversas rela es e, principalmente, a rela o com os seres humanos. Desta forma, reduzir todo esse contexto a somente poucas linhas, como o apresentado pela ementa da disciplina Fundamentos da Educa o Ambiental, representa um reducionismo do debate e de suas variáveis. Ressalto ainda que em sua ementa não fica evidente a inten o de trabalhar a supera o do dualismo entre cultura e natureza, sendo, assim como Carvalho (2004) aponta, como tão importante para a sociedade e para os processos educativos. Dessa

maneira, destaco que é somente através da superação dessa dualidade que os seres humanos poderão perceber que a natureza está em todas as coisas, inclusive neles mesmos, caracterizando como um tópico essencial em uma disciplina que aborda a temática ambiental.

Nesse prisma, já é perceptível nas ementas das disciplinas Ambiente, Cultura e Sociedade e Ambiente, Cultura e Natureza no Cinema e na Literatura a intenção de se abordar de forma crítica e mobilizando outras perspectivas que apontam para a necessidade de superação do dualismo entre cultura e natureza, sendo a matéria de Ambiente, Cultura e Sociedade apresentando também um olhar mais voltado para uma relação do ser humano com os não humanos, acionando um contexto educacional, e a segunda disciplina apontada, por outro lado, acionando mais elementos do contexto econômico e sua relação com a natureza. Destaco então que se faz necessário que haja sempre um olhar cuidadoso para a forma com que a temática está chegando aos estudantes, pois como dito anteriormente, trata-se de uma disciplina optativa, de forma que irá alcançar os estudantes, em muitos casos, através da ementa.

Ressalto ainda, como salientado por Lima (2009), que o processo educativo é uma construção social repleta de subjetividade, não se trata de um processo neutro e destituído de valores políticos, vontades e objetivos, da mesma forma o currículo também não é um documento neutro. Portanto, pelas ementas analisadas, é possível refletir sobre qual lugar a EA está ocupando no currículo e nos processos educativos. No caso em questão, o que se nota, através da oferta e das ementas, é que embora os conteúdos tenham demonstrado um aprimoramento, a oferta ainda é optativa e com pouca procura, o que reflete no baixo contingente de aprovações, e também no trabalho efetuado nas instituições de Educação Básica, que muitas vezes abordam a temática ambiental de maneira descontextualizada e com pouca fundamentação.

5. ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DAS ENTREVISTAS

As entrevistas foram o último percurso metodológico, que contaram com uma amostra de 6 (seis) entrevistados voluntários: 2 (dois) alunos recém-formados, 1 (um) aluno que estava no meio curso e 3 (três) alunos no final do Curso de Pedagogia. As perguntas versavam sobre como se deu o contato dos entrevistados com a temática ambiental, bem como de que forma

avaliavam os aprendizados que foram proporcionadas e a relevância da temática para a formação docente.

No Quadro 4, a seguir, destaco como se deu o contato de cada entrevistado/a com a questão ambiental no contexto da universidade, bem como o que os/as motivou a cursar as disciplinas que abarcam sobre a temática.

Quadro 4: Dados introdutórios dos/as entrevistados/as

Nº	Semestre atual	Como se deu o contato com a temática ambiental (Extensão, estágio, disciplina)	Semestre que estava quando cursou a disciplina	Motivação
E1	Recém-formada	Disciplina Fundamentos da Educação Ambiental	5º semestre	Gosta da temática.
E2	Recém-formada	Disciplina Fundamentos da Educação Ambiental	3º semestre	Estava no fluxo do semestre.
E3	No 9º semestre	Disciplina Educação, Ambiente e Sociedade	8º semestre	Precisava de créditos e se interessou pela temática.
E4	No 5º semestre	Disciplinas: Ambiente, Cultura e Natureza no cinema e na literatura; e Educação, Ambiente e Sociedade.	4º e 5º semestre respectivamente	Se interessa muito pela temática desde pequena.
E5	No 9º semestre	Disciplina Educação, Ambiente e Sociedade	8º semestre	Indicação de colegas.
E6	No 9º semestre	Disciplina Fundamentos da Educação Ambiental; Iniciação Científica e estágio	6º semestre	Por ser uma temática que já faz parte de sua vida.

Fonte: Dados coletados através das entrevistas.

A partir do Quadro 4 é possível notar que a entrevista foi composta, em sua maioria, por graduandos/as em final de curso e recém-formados/as, tendo somente uma entrevistada que está mais ou menos na metade do curso. A maioria teve contato com a temática ambiental por meio de alguma disciplina ofertada pela Faculdade de Educação (UnB), e somente um dos entrevistados ressaltou ter tido contato por meio da Iniciação Científica e estágio, além de por uma disciplina.

É possível perceber que a maioria dos/as entrevistados/as se matricularam na disciplina por se tratar de uma temática de interesse, e em alguns casos havia concomitantemente a questão da necessidade de créditos para completar as horas exigidas pela Universidade. Observa-se que há também quem se matriculou por se tratar de uma

matéria ofertada para o semestre em que estava sondando disciplinas para se cursar e quem se interessou por meio da indicação de colegas. Nesse sentido, nota-se que a maioria das motivações para cursar uma disciplina que aborda a questão ambiental veio por ser uma temática de interesse dos alunos, mas pela minha experiência e contato com outros colegas essa não é a realidade da grande maioria.

Durante as entrevistas, por meio dos relatos, foi possível observar a forte relevância que o contato com as disciplinas que tratam mais especificamente da EA tiveram na forma como os estudantes olham e se relacionam com a temática. Nesse sentido, a ideia de gerar uma mudança de paradigmas que se mostrou presente nas ementas mostradas anteriormente também esteve presente nas falas dos entrevistados. Quando questionados sobre mudanças que a disciplina suscitou nas suas formas de pensar e os aprendizados relevantes que a disciplina evocou, destacam:

[...] a gente vai com a pretensão que educação ambiental é ensinar as crianças sobre as plantas, sobre o plantar, sobre reciclar e a gente vê que a educação ambiental ela tá havendo com o contexto, ela é o ambiente mesmo do indivíduo, tudo ao redor, desde os pressuposto teóricos que o indivíduo carrega, como a questão feminista, como a questão não sei o quê. E aí eu descobri tudo isso, eu fiquei “Gente do céu! É todo esse contexto que a gente vive que é a educação ambiental”. (E2).

Com certeza me proporcionou mudanças e quebras de paradigmas muito profundos, né? Até porque quando a gente se depara com o conceito de que a natureza está em tudo e está em mim também, apesar de ser algo que eu já trago lá da minha infância e de lá do terreiro, é...é um momento também que dentro da Universidade eu percebo o quanto que isso pode ser um pilar “pra” toda minha construção pedagógica, sabe? Eu tinha já dentro de mim que eu era natureza e que a natureza é centro de todas as coisas, né? Mas eu não tinha dentro de mim que essa centralidade da natureza poderia ser um pilar pedagógico “pra” mim, né? Um norte, né? De partir desse olhar mais sensível “pras” coisas da natureza e do ambiente como um território de educação. (E6).

Com base nas reflexões acima, os entrevistados expuseram que a partir da experiência com a disciplina puderam perceber toda a contextualização que está em torno da temática ambiental. Dessa forma, a EA é “uma dimensão essencial da educação fundamental que diz respeito a uma esfera de interações que está na base do desenvolvimento pessoal e social” (SAUVÉ, 2005, p. 317). Ou seja, ela é muito mais do que somente mais um conteúdo para ser estudado por profissionais que atuarão diretamente com os estudantes em sala de aula – é a temática fundamental para o desenvolvimento dos seres humanos e suas relações com o mundo. Não por acaso, o Entrevistado 6 enfatiza o quanto a disciplina possibilitou que ele visse a temática como um pilar pedagógico e compreendesse a indissociabilidade entre cultura e natureza, convergindo com a perspectiva de Descola (2016) de que a natureza está em tudo, e também em nós mesmos.

Quando questionados/as sobre como avaliavam a importância da temática ambiental, os/as entrevistados/as destacam:

Eu acho que ela é importante, porque como a gente cresce sem é... ter essa relevância grande dessa temática na escola, a gente não tem tanta consciência igual a gente aprende na faculdade e isso é importante “pra” gente levar “pra” nossa carreira, “pra” docência, “pra” gente poder ensinar as crianças desde pequenas “pra” elas já crescerem com esse olhar crítico, que eu só fui ter na faculdade, não tinha antes. Eu acho que é importante isso. (E1)

[...] “Pra” mim é indissociável a formação docente da formação ambiental, eu acho que todo educador da educação básica tem que ser um educador ambiental, porque quando a gente fala de Educação básica a gente tá falando de conceitos básicos, a gente tá falando de introduzir crianças a esse mundo mais normalizado da educação, né? Entre aspas, porque somos educado todos os dias e aprendemos todos os dias, mas querendo ou não a escola é um chão privilegiado que é um espaço do aprender e do ensinar, então eu acho que deveria sim ser algo que pautasse como fundamento para todos os educadores, porque...é... não é possível você formar um pedagogo que esteja preocupado com as questões da educação se ele não está preocupado com as questões da natureza, que pra mim são questões indissociáveis, sabe? [...] (E6).

A partir do arcabouço legal que abarca o ensino de EA no Brasil, é notório que ainda é uma temática que vem ganhando espaço. Segundo Lima (2009, p.150), historicamente, a “EA brasileira se constituiu principalmente a partir de iniciativas dos órgãos de meio ambiente em detrimento dos órgãos educacionais propriamente ditos como seria de se esperar”, o que se reflete até os dias atuais. Nesse sentido, a ideia de indissociabilidade entre as questões da natureza e a educação ainda está dando seus primeiros passos no país, o que traduz a ideia da Entrevistada 1, que traz em seu relato que só veio a ter um olhar mais crítico para a temática ambiental em sua graduação, trazendo em sua fala também a importância de levar esse olhar crítico para sala de aula.

Assim, e em consonância com a fala do Entrevistado 6, destaco que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (BRASIL, 2012) trazem a inserção dos conteúdos sobre EA devendo aparecer nos currículos da Educação Básica e Superior através da transversalidade e/ou como conteúdo dos componentes já existentes no currículo. E mais especificamente sobre a Educação Superior, o documento faculta a criação de um componente específico sobre EA para os cursos de graduação, o que gera uma reflexão sobre como o currículo é um espaço de disputa política e resultado de uma seleção de quais conhecimentos são essenciais ou não (TADEU, 2016). Como resultado da não obrigatoriedade da temática nos currículos, há muitas faculdades que sequer oferecem disciplinas específicas sobre EA, abordando somente como um eixo transversal. Nesse sentido, destaco a fala de um dos entrevistados:

É uma disciplina que ela jamais, em hipótese nenhuma, deveria ser uma disciplina optativa, ela teria que ser uma disciplina obrigatória e, de preferência, uma disciplina que estivesse nos primeiros semestres, e sim, ter uma parte dois dessa disciplina como optativa e por aí vai, até porque a discussão ambiental ela não se esgota e não é possível você trazer todo o pensamento ambiental em um único semestre, né? Então, o interessante dessa matéria não é só trazer, né? Os fundamentos da educação ambiental e a importância do meio ambiente para a educação, até mesmo para conduzir as práticas pedagógicas e valorizar outros saberes, né? Mas eu acho que a educação ambiental em si, ela é importante não só para o processo de formação de educadores, mas “pra” formação do educador em si, sabe? (E6).

É possível notar a relevância do ensino de EA no contexto da graduação que o entrevistado traz em sua fala, em consonância com as ideias de Sauv  (2005), que além de abordar sobre a importância da EA, traz as múltiplas facetas que a compõe. A ideia de obrigatoriedade que o entrevistado aborda, assim como a necessidade de disciplinas complementares que ele propõe, reflete uma compreensão crítica e aguda sobre a importância e a urgência dessa temática. Assim sendo, faz-se necessário “esperançar”, assim como dito por Freire, esperar com a o, esperar que a temática ganhe a notoriedade que merece, mas lutando por esse direito.

Quando questionados se se sentiriam preparados para abordar a temática ambiental em sala de aula mesmo se não tivessem cursado uma disciplina específica, os/as estudantes foram unânimes em afirmar que não se sentiriam preparados, e ainda que poderiam ter um falso sentimento de preparo por não terem a no o exata da complexidade e do alcance da problemática ambiental. Onde relataram:

Não, não. Assim, eu até que sim, porque eu não ia ter tanta consciência, mas ia ser um ensino muito introdutório, assim, muito basiquinho sobre “Ah! ‘Vamo’ cuidar do meio ambiente, não ‘vamo’ poluir a água, o ar” s , tipo, sabe? Essas coisas, não mesmo “pra” ter essa visão mais crítica “pra” aprofundar sobre o assunto. (E1).

Não, eu acho que ficaria muito aquele superficial, sabe? Aquele negócio mais de ler o que o livro didático trouxe e passar assim por cima, tipo, “Ah! Então   isso mesmo, gente, a gente joga lixo no lixo e recicla. Muito obrigada,   isso. S  a gente foi no passeio da escola, viu o zoológico,   isso” não aprofundaria nada, porque a gente não tem base ‘pra’ falar e os alunos perguntam, as crianças perguntam, fazem muitas perguntas e questionamentos, elas são muito curiosas. (E4).

Com certeza não, com certeza não... ...tanto que eu entrei com uma visão de que “Ah! Respeitar o meio ambiente, n ? Ah! Colocar meu lixo, separar o orgânico do seco” mas   muito além disso, aprofunda muitas temáticas que eu nunca tinha tido contato, então me abriu outro horizonte, outros horizontes. (E5).

Eu não iria me sentir preparado, até porque eu ia ficar sempre na insegurança de que “será que eu ‘t ’ falando a coisa certa? Será que eu ‘t ’ reproduzindo coisas que não deveriam mais estar dentro de sala de aula?” E eu não teria nem mesmo os mecanismos, n ? De encontrar essas brechas, n ? De colocar as coisas em determinados contextos, n ? De fazer determinadas associa es. (E6).

É inegável que a visão predominante nos relatos é terem uma relação superficial com as questões da natureza anteriormente à vivência com a disciplina, retratando muito do que de fato ocorre em muitas das atividades escolares, ou seja, sem um verdadeiro entendimento sobre a temática, os/as educadores/as transmitem o mesmo discurso abarcado pelo dualismo cultura/natureza. Nesse sentido, Pereira e Pacheco (2011) já haviam destacado que o professor é uma ligação entre o aluno e o conhecimento, sendo importante que seja um pesquisador e saiba o que está fazendo e para onde possivelmente vai, destacando a importância de o/a educador/ra ter o verdadeiro domínio da EA para que possa praticar e transmitir de forma coesa em sala de aula.

Desta forma, destaco o Art. 6º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (BRASIL, 2012), que diz que ela

[...] deve adotar uma abordagem que considere a interface entre a natureza, a sociocultura, a produção, o trabalho, o consumo, superando a visão despolitizada, acrítica, ingênua e naturalista ainda muito presente na prática pedagógica das instituições de ensino.

Sendo uma Diretriz concordante com os relatos dos/as entrevistados/as, que através das disciplinas cursadas sobre EA puderam rever a forma de pensar sua prática pedagógica, e também seu estar no mundo, mostrando a importância da disciplina no processo de formação e para o efetivo cumprimento do Art. 6º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (BRASIL, 2012).

6. CONCLUSÃO

Neste artigo percebe-se a relevância que a temática da EA tem na prática docente dos/as educadores/as, e não somente na prática docente, mas na construção de um olhar que percebe a natureza de uma forma mais crítica e respeitosa, e que o busca passar para as futuras gerações. Nesse sentido, é evidente a necessidade de fazer com que a temática ambiental e disciplinas que trabalhem sobre a relação entre humanos e não-humanos ganhem cada vez mais espaço na sociedade, na sala de aula e na formação dos/as educadores/as. É patente que a oferta de disciplinas de cunho ambiental ofertadas pela Faculdade de Educação da UnB vem ganhando um maior leque de disciplinas a partir do semestre 2021.2, apesar de serem matérias ainda optativas para os graduandos do curso, de modo que reflete muitas vezes no baixo contingente de matrículas.

Nesse contexto, a fim de salientar a importância da temática, é perceptível nas falas dos/as entrevistados/as a quebra de paradigmas no modo de pensar a relação com a natureza, onde em diversos momentos foi ressaltado que através das disciplinas cursadas sobre a temática puderam se perceber de outra forma no mundo e redefinir características de suas práticas docentes. Percebe-se, pelo olhar dos próprios/as graduandos/as e recém-formados/as do Curso de Pedagogia, a importância de se ter contato com disciplinas que abordam sobre a relação entre natureza e o ser humano, oportunizando o contato com uma temática tão presente no nosso dia a dia, e em nós mesmos.

Por fim, resalto a necessidade da obrigatoriedade de disciplinas que abordem a EA no currículo do Curso de Pedagogia, para que muito além de alunos/as que busquem cursar sobre a temática ou que a vejam somente por linhas transversais, seja possível alcançar todos os/as graduandos/as, pois se faz necessário que o futuros/as pedagogos/as saibam abordar a temática de forma consistente e assídua dentro de sala de aula, e também fora dela.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Resolução CNE/CP nº 2, de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, p. 70, 18 jun. 2012.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 17 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Brasília, 28 abr. 1999.

CARSON, Rachel. A obrigação de suportar. *In*: _____. **Primavera silenciosa**. São Paulo: Gaia, 2010. p. 15-23.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Educação, Natureza e cultura: ou sobre o destino das latas. *In*: ZARZKZEVSKI, S.; BARCELOS, V. (Org.). **Educação ambiental e compromisso social**: pensamentos e ações. Erexim, PE: EdiFAPES, 2004. p. 163-174.

CAVALCANTI, Clóvis. Sustentabilidade: mantra ou escolha moral? Uma abordagem ecológico-econômica. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 16, n. 74, 2012.

DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas, outras culturas**. Tradução de Cecília Ciscato. São Paulo: Ed. 34, 2016. (Coleção Fábula).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança** [recurso eletrônico]: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GUDYNAS, Eduardo. Os valores e a natureza. *In*: _____. **Direitos da natureza**. São Paulo: Elefante, 2019. p. 15-39.

KOPENAWA, Davi. Descobrindo os Brancos, depoimento recolhido e traduzido por B. **Albert. Maloca Watoriki**, 1998.

LIMA, Gustavo. Educação ambiental crítica. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 1, jan./abr. 2009.

MENDES, J. Tradução do texto Geologia da Humanidade de Paul Crutzen. Anthropocena. **Revista De Estudos Do Antropoceno e Ecocrítica**, v. 1, 2020.

MORIN, Edgar. O enigma do homem: para uma nova antropologia. *In*: _____. **O enigma do homem**: para uma nova antropologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. (Coleção Biblioteca de Ciências Sociais).

NASCIMENTO, A. Reflexões sobre o Antropoceno, o paradigma da espécie humana e seu domínio ilusório sobre a Terra. **Anthropocena** – Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica, v. 1, 2020.

PEREIRA, Jean Carlos Cerqueira; PACHECO, Miranda Bastos. O ensino de história nas séries iniciais. **Jornada HISTEDBR. Campinas, SP**, v. 2, n. 2, 2011.

SAUVÉ, Lucie. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, maio/ago. 2005.

TADEU, Tomaz. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.